



BAILARINA
E A **FERA**

DA MESMA AUTORA DE "SEQUESTRADA PELO MAFIOSO"
EVILANE OLIVEIRA



BAILARINA
E A FERA

DA MESMA AUTORA DE "SEQUESTRADA PELO MAFIOSO"
EVILANE OLIVEIRA

Copyright © 2022 Evilane Oliveira

A BAILARINA E A FERA

1ª Edição

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens e acontecimentos que aqui serão descritos são produto da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência. Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa. É proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte desta obra, através de quaisquer meios, sem o consentimento escrito da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº. 9.610. /98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Todos os direitos reservados.

Edição Digital | Criado no Brasil.

ÍNDICE

[Epígrafe](#)

[Sinopse](#)

[Dedicatória](#)

[Nota da autora](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 01](#)

[Capítulo 02](#)

[Capítulo 03](#)

[Capítulo 04](#)

[Capítulo 05](#)

[Capítulo 06](#)

[Capítulo 07](#)

[Capítulo 08](#)

[Capítulo 09](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Outras obras](#)

[Contato](#)

EPÍGRAFE

*“É improvável que haja uma versão disso que não vá me deixar em
pedaços”*

JP Saxe - What Keeps Me From It

SINOPSE

MARIANO VITALI

Governar o submundo de Nova Iorque era a minha prioridade, estar à frente de dezenas de homens era o que eu sabia fazer melhor, porém, quando minha vida muda e traidores começam a surgir de onde menos se espera, é no desconhecido que me encontro.

ADALIND SINK

Meus sonhos me levaram diretamente à cidade do pecado, onde o diabo está à espreita. A escuridão nos olhos dele me deixa inerte. A obsessão que surge me amedronta, mas seu toque me rende. E quando menos espero, no colo da fera é que encontro paz.

Ele é um mafioso marcado.

Ela é uma bailarina na faculdade.

A obsessão de um homem poderoso por uma garota ingênua nunca foi tão perigosa.

DEDICA TORIA

Para você que prefere a fera ao príncipe. O mafioso ao *golden*. O obcecado ao boy saudável. Bem-vindos ao paraíso literário criado especialmente para você!

NOTADA AUTORA

A Bailarina e a Fera é um livro **ÚNICO**, que surgiu da série **Renascidos em Sangue**. *Não é necessário ler a série para ler o livro.* #ABEAF é um **dark romance** e aborda temas como violência, sexo e drogas. Contém cenas de consentimento duvidoso e que podem causar gatilhos. Se você *não gosta* do assunto ou é *sensível*, **NÃO LEIA!**

Se decidir seguir, boa leitura!

EVILANE OLIVEIRA

PRÓLOGO

Há apenas um sentimento mais forte que o amor.

O sentimento singelo de gostar de alguém, seja família ou amigos, namorada ou alguém que admite. Ele é fraco perante a apenas um.

O ódio.

O amor não move o mundo. O ódio, sim.

O ódio me manteve de pé. O amor me fez cair incontáveis vezes. Sangue do meu sangue fez com que eu me arrependesse de sentir. Desconhecidos. Amigos.

Qualquer um. Até quem eu pensei que jamais fosse capaz de algo assim.

Lunna Bianchi foi meu primeiro caso de amor ao ódio.

Mas foi lento. Nunca acreditei que um dia conseguiria esquecê-la de fato, mas consegui. E só restou ódio.

Não dela. Aquela garota de olhos azuis e cabelo escuro jamais poderia me fazer odiá-la. Lunna era boa. Ela só não me amou e isso não era um erro. Pelo contrário, foi sua salvação.

O ódio que nutri foi pela sua escolha. Pela família que a acolheu. Por seu marido, Romeo Trevisan, e seus irmãos.

Principalmente, o infeliz que ousou me marcar.

Meus dedos deslizaram pela marca, a cicatriz quase imperceptível por conta da cirurgia que me submeti tentando costurar minha pele rasgada pela bala que raspou em meu rosto depois que saiu da sua arma. Por mais imperceptível que fosse, ela ainda chamava atenção.

Era por causa dele que me chamavam de Fera pelas minhas costas.

Eles não estavam errados. Havia um monstro dentro de mim, um que foi moldado, polido e posto em evidência quando assumi o comando.

E ele amava quebrar coisas bonitas.



ADALIND SINK

Mudanças me faziam querer vomitar.

Quando mamãe me disse, aos sete anos, que deixaríamos a pacata cidade de Riverhead e viríamos para Nova Iorque, eu havia acabado de comer. Minha barriga deu voltas e eu vomitei. Foi um caos. Estávamos diante da escola, ela havia acabado de me buscar.

Moramos em Nova Iorque por cinco anos e, depois de um emprego fracassado, meus pais decidiram que nunca deveríamos ter deixado nossa cidade, então, retornamos. Novamente vomitei. Minha vida toda estava em Nova Iorque naquela altura, não queria uma nova mudança.

Com doze anos, sua vontade não é importante. Então, *voilà*, Riverhead de novo.

Respirei fundo, empurrando a mala para a calçada do prédio enorme. Coloquei minhas mãos nos quadris e inclinei a cabeça, cansada. Nova Iorque. Mais uma vez.

O prédio diante de mim tinha quase vinte andares lotados de alunos e seria minha casa pelos próximos anos. Me arrepiava só de imaginar isso.

Puxei minhas duas malas e empurrei em direção à entrada. Muitas pessoas estavam chegando, então não foi difícil achar a direção, apenas segui o fluxo. Com um assopro, afastei uma mecha ruiva que fugiu do meu coque frouxo e procurei meu caminho.

Assim que parei diante da porta de madeira escura, respirei fundo e bati. A garota que a abriu tinha minha altura e cabelo liso, retinho como uma régua.

— Bem-vinda à Julliard!

— Oi! Muito obrigada! Você deve ser a Jordin?

— Isso! E você é a Adalind. — Acenei, nervosa. — Entre. — Seu sorriso largo fez meus ombros cederem, relaxados.

Jordin me mostrou o apartamento pequeno e eu apreciei cada canto. A sala era dividida com a cozinha, o corredor dava acesso ao meu quarto e ao dela, as portas eram do lado esquerdo, mas o banheiro ficava entre eles.

— Fique à vontade, o.k.? Eu tenho que ir trabalhar agora. — Jordin pegou uma bolsa ao lado.

Por um segundo, esqueci o que ela tinha falado, mas me lembrei depressa.

— Trabalho? Oh, será que tem vagas? — Uma ideia surgiu.

Eu precisava de dinheiro. O que eu tinha não me manteria ali por muito tempo. Além disso, eu não podia pedir nada à mamãe. Vir para cá foi uma decisão minha, uma que ela não concordou. Eu estava por minha conta.

— Eu estou procurando por um. Garçonete, qualquer coisa vale...

Jordin me encarou por um segundo inteiro e depois respirou fundo.

— Olha, eu danço em um clube. Não é prostituição nem nada do tipo. Só danço. — Conforme suas palavras saíam, eu fiquei parada, sem reação. Ela riu. — Parece ruim, mas não é. Eu... olha, você entenderia melhor se apenas visse. Se quiser ir algum dia... — Ela deu de ombros e indicou a saída.

— O.k., eu... hum. Vou manter isso em mente.

Jordin acenou enquanto sumia pela porta e me deixava sozinha. Olhei em volta, deixando o ar sair dos meus pulmões. Eu amava dançar, era por isso que estava em Julliard, uma das melhores escolas de arte do mundo. Eu queria ser uma bailarina.

Desde os cinco anos tudo que fiz foi usar sapatilhas e tutu. Essa era minha roupa favorita, minha fantasia do halloween. A dança me manteve viva depois de tudo.

Deixei a cabeça pausar os pensamentos e foquei na ação. Levei minhas malas para o quarto e arrumei tudo em seu devido lugar. Quando acabei, já era tarde da noite e Jordin ainda não havia retornado. Tomei um banho longo e pedi pizza. Comi devagar, tentando esperar por ela, mas adormeci e a minha colega de quarto não retornou.

Na manhã seguinte, ela estava na cozinha, com ovos e bacon servidos para nós duas.

— Bom dia! Hoje à tarde tem uma aula aberta para a faculdade toda. Para os alunos novos. Sabe, apenas para enturmar. Você deveria ir.

Me sentei diante dela e a agradei quando ela empurrou o prato em minha direção. As aulas não começariam até semana que vem, mas a maioria dos estudantes chegava mais cedo para se enturmar. Essa aula seria boa.

— Eu vou, você vai?

— Sim! Vai ser divertido. Vou apresentar meus amigos a você.

Isso seria ótimo.



A aula foi incrível, os professores se dividiram entre rodas de alunos e ensaiamos alguns movimentos. Jordin era uma das alunas prestes a se formar. Era seu último ano e ela estava com as malas prontas para um espetáculo.

— Rebel? Eu preciso de uma bebida — Blanche gritou enquanto saíamos do estúdio.

Ela era ruiva, mas diferente do meu cabelo, o dela era bem vermelho. Seu namorado, Matt, era moreno e tinha dreads. Ele era bem alto. Eles eram os amigos que Jordin falou.

— Por favor!

— Onde fica? — perguntei, empurrando a minha bolsa no ombro.

Meu cabelo ainda estava preso no coque, e meu corpo por baixo de um sobretudo tinha apenas uma calça legging grossa e meu collant. Eu não estava apta a ir a um bar, com certeza.

— É onde eu trabalho! Vou tomar um banho e nos encontramos lá em duas horas? — Jordin murmurou e Matt acenou, puxando a namorada contra seu peito.

— Ei, Adalind, foi bom conhecer você — Blanche murmurou com um sorriso bonito.

— Gostei de vocês também. — Relaxei, devolvendo o gesto.

Jordin e eu fomos para o nosso prédio conversando um pouco sobre as aulas. Comentei de como fiquei encantada com os professores. Eles eram surreais de talentosos e Jordin concordou, dizendo que eu aprenderia muito com todos.

Esse era o plano.

Sorri, animada. Nova Iorque seria incrível.



— Esse vestido está lindo em você. — A voz animada da minha colega de quarto ecoou.

Eu usava um vestido justo e vermelho. Não havia muitas curvas para preencher o tecido, mas minha bunda com certeza fazia inveja a muita gente.

Me virei, abandonando o espelho.

— Você também está linda.

Jordin usava uma calça de linho e um top justo que empurrava seus seios.

Nós saímos de casa logo que finalizei minha maquiagem. Não era nada de mais, só um delineado alongado, batom vermelho e muita máscara de cílios.

A animação era algo estranho dentro de mim, nunca fui a uma boate de Nova Iorque. Sabia que eram milhões de vezes mais legais que as de Riverhead.

— Fique perto de mim e não fale com ninguém. — Seu tom sério ecoou quando chegamos ao bar.

Desejei questionar, mas Jordin me puxou para dentro da boate.

— Você trabalha hoje? — perguntei, gritando por causa do som que explodia no espaço escuro. Luzes vermelhas saltavam pelo espaço e fumaça preenchia o lugar. Era sexy e muito diferente de tudo que já vi.

— Não. Vem, achei Matt e Blanche.

Nós ultrapassamos a multidão, quando chegamos perto dos seus amigos, uma pessoa entrou na nossa frente. Ele era alto, tinha um sorriso misterioso e olhava para Jordin com interesse.

— Jordin.

— Não estou trabalhando hoje, Kalel. — Seu tom era desconfortável.

— Eu sei... quem é essa? — Os olhos azuis do loiro vieram em minha direção.

— Ninguém que seja da sua conta. Olha, eu vim me divertir com meus amigos. Então... — Ela indicou o lado e Kalel levou a mão ao peito.

— Assim você me machuca, amor.

Jordin me puxou e nós passamos por Kalel. Ele piscou para mim e eu desviei os olhos. Me sentei no banco de couro macio assim que alcançamos Matt. Ele e Blanche estavam dançando próximos à mesa.

— Kalel é seu namorado? — perguntei para puxar assunto e Jordin riu, negando.

— Ele é um dos donos do Rebel. — Seu dedo circulou no ar, indicando o local. — É meu chefe. Ele e o irmão são donos, mas ele é o único que dá as caras.

— Ah, eu senti uma tensão. — Sorri, mas logo apertei meus lábios juntos. Não queria deixá-la desconfortável.

Jordin balançou a cabeça.

— Kalel Vitali é o maior problema de Nova Iorque. Não é esse tipo de romance que busco. Vou pegar uma bebida. Qual você quer?

Jordin saiu depois de eu pedir uma cerveja. Não costumava beber, mas quando o fazia certamente seria cerveja. Respirei fundo ao olhar ao redor e meus olhos se prenderam à parte superior da boate. Havia um camarote com cinco homens de terno dentro dele. Todos com um copo de uísque na mão. Nenhum deles estava conversando, apenas observando tudo.

Passei a palma das minhas mãos no meu vestido, e ao desviar o olhar um arrepio subiu pela minha coluna. Que estranho. Jordin voltou, mas não havia bebida em suas mãos. Abri a boca para questionar, mas ela puxou minha mão.

— Não olhe para cima. Vamos ao banheiro, de lá vamos embora.

— O quê? Por quê? — gritei, confusa, mas ela continuou andando entre as pessoas. — E os seus amigos?

— Sorria, dance, pare de perguntar.

Meu corpo ficou rígido, mas segui seus comandos. Ela conhecia tudo melhor que eu. Jordin sabia o que acontecia entre essas paredes, e se ela estava tão nervosa, alguma coisa aconteceu.

Assim que chegamos ao banheiro, encontramos duas meninas na frente do espelho. Jordin empurrou as duas para fora e fechou a porta.

— O.k. Olha, vamos sair daqui abaixadas e uma por uma.

Meu coração começou a bater mais forte.

— Primeiro, me conte o que houve.

— Adalind, me escute...

— Não, eu quero saber por que está tão nervosa. Aquele Kalel fez algo a você? — Me aproximei, tocando suas mãos, mas ela balançou a cabeça depressa.

— O irmão dele está aqui.

— O que você disse que nunca vem?

— Sim! — Ela andou pelo espaço e me encarou. — Ele viu você, fez perguntas e Kalel disse que era minha amiga da faculdade. Como diabos ele sabe disso, eu não sei! Aquela peste sabe mais da minha vida que eu mesma.

— O.k. E por que precisamos ir?

— Ele quer conhecer você.

O quê? Minha boca se abriu e eu tentei falar algo, qualquer coisa, mas nada saiu.

— Vamos embora, Adalind. — Jordin piscou, nervosa, enquanto eu tentava me acalmar.

— Por que precisamos ir embora? Ele só quer me conhecer...

Jordin balançou a cabeça, mas eu insisti.

— Eu conheço o cara e a gente volta para a nossa mesa. Você estava muito animada, não quero estragar sua noite. Eu posso conhecer um homem, na verdade, por que não?

A cada palavra minha, Jordin parecia mais inquieta.

— Adalind, não quero que conheça esse homem.

— Mas por quê? Ele é um assassino? Assassino em série? — Eu ri ao perguntar.

Batidas na porta interromperam minha voz. Jordin foi até lá e a abriu. Kalel sorriu para ela e depois para mim.

— Prontas? *Bestia* está esperando por Adalind.

Bestia? Que nome era esse?

— Sim, Adalind estava fazendo xixi. Podemos ir. — Jordin se virou e acenou, me chamando. Nós seguimos para fora e Kalel nos guiou de perto até a escada que dava acesso ao camarote que vi momentos antes.

Jordin parecia a ponto de correr enquanto eu só sentia um pouco de excitação percorrer em minhas veias. Fazia muito tempo desde que conheci um homem. Na verdade, eu podia contar nos dedos da minha mão os caras que já cheguei perto.

— Você vai gostar dele. Meu irmão é um cara bonito.

Kalel sorriu quando entramos no espaço lounge. O local não era o mesmo onde os vários homens de terno estavam. Nesse não havia ninguém.

Me virei pronta para comentar o óbvio, mas Kalel sorriu.

— Mari, essa é a Adalind. — Ele acenou na minha direção.

Eu franzi as sobrancelhas.

— Não tem ninguém aqui — constatei o óbvio, mas Kalel continuou sorrindo, olhando para as paredes vermelhas e pretas.

Jordin engoliu em seco e tocou o braço de Kalel. Isso o fez olhá-la.

— Calma, ele está aqui. Vocês só não conseguem vê-lo.

Como assim? Meu batimento acelerou mais e eu tentei me aproximar de Jordin, mas Kalel a puxou para fora.

— Vou deixar vocês a sós.

— Kalel... — Minha voz tremeu e fiquei arrepiada quando ele saiu, fechando a cortina e me deixando sozinha, no espaço escuro.

Me virei rígida e olhei para cada canto, mas, novamente, não havia ninguém ali.

— *Be-bestia?* — Minha voz soou tão baixa que com certeza ele não conseguiu me ouvir. — Será que Kalel é esquizofrênico? — perguntei a mim mesma, porque essa era a única explicação.

Não havia ninguém ali. Que insanidade foi essa?

Porém antes que eu pudesse me virar e correr, uma tela se acendeu. Uma que eu não vi. Na parte de cima, na parede, e o que tinha escrito na tela me deixou sem palavras.

Dance.

Meu batimento cardíaco já louco começou a ficar a um passo do infarto. Como assim dance?

— Você está brincando comigo? — Minha voz soou trêmula. — Onde está?

Nada falou, por isso respirei fundo e me virei para sair dali. Assim que puxei o pano, dois homens de terno estavam na minha frente.

— Volte — o mais alto grunhiu.

— Não tem ninguém lá dentro.

— Volte — ele reforçou.

Eu o vi fechar a cortina na minha cara, então me virei e olhei para a tela.

— Olha, eu não vou dançar coisa nenhuma. Me deixe ir embora e... porra, onde você está? Apareça! — A irritação fluiu pelos meus gestos frenéticos e minha língua incontável.

A tela se acendeu novamente.

Dance para mim. Agora. E pode ir embora.

Olhei ao redor e respirei fundo.

O.k., Adalind. Você dançou a vida toda. Não importa se agora é para um imbecil que ama se esconder.

Eu deixei minha bolsa em um sofá e me posicionei. A música que tocava, antes ritmada e forte, passou a ser lenta e sensual. Era familiar. Quando me lembrei, meus pés se deslocaram sozinhos.

Rodopiei sem tutu, fiquei na ponta dos pés sem sapatilha e flutuei enquanto a música tomava conta de mim. Meus braços se movimentavam à

minha volta, com graça e elegância. Os tons pesados pareciam dolorosos e o sentimento fez minha expressão se modificar. Quando meu corpo parou, a música cessou e minha respiração parecia louca. Insana. E meu coração estava dolorido.

— Eu posso ir agora? — perguntei, tocando o chão com a parte traseira do meu pé.

A tela estava toda preta, nada havia. Esperei por um longo tempo, quando ela acendeu, desejei poder o ver. Quem era? Qual o seu nome?

Vá, ballerina.



MARIANO VITALI

Fingir que não existe foi a melhor decisão.

— Você está me ouvindo? — meu Don perguntou enquanto seu rosto preenchia a tela do meu computador.

— Sim. Carmelo está morto há anos, desfiz seus negócios assim que assumi. Continuo sem entender como ainda há roubo nos nossos cofres.

— Continua mesmo? — Enrico Bellucci pegou um copo e deu um gole no uísque.

— Sim...

— Seu pai está por trás disso. Ele e Carmelo eram amigos íntimos. Certamente acontece muita merda por debaixo do seu nariz, Mariano.

Fiquei rígido com a centelha de desconfiança. Meu pai não era nenhum santo, mas nunca pensei que pudesse roubar a *famiglia*.

— Eu vou investigar.

— Bom... — Ele acenou, me olhando pela tela. Quis desligar assim que percebi para onde olhava. A marca da bala. A cicatriz. — Queremos paz, mas eu não julgaria você se quisesse matá-lo.

Continuei olhando para a câmera, sério. Não queria a autorização dele, mas precisava. Não que isso importasse. Eu não queria vingança. A marca era a única coisa que me incomodava. Não quem a colocou.

— Fora a noiva que eles mataram. Emory — Enrico explicou depressa.

— Eu nem conhecia a menina. Isso foi coisa do meu pai. Não houve nada de noivado, ela era uma desconhecida.

— Sim, sim, eu sei. — Enrico estalou o pescoço. — Enfim, preciso ir.

— Até mais.

Desliguei a ligação e fechei o notebook. No mesmo segundo, Kalel surgiu na porta. Meu irmão se jogou na poltrona e colocou a mão no rosto. De ressaca.

— Bom dia, *bestia*.

Ele era o único ser humano que tinha coragem de me chamar assim. Não era uma afronta, era apenas seu jeito irritante de ser um irmão.

— Já falei para parar de me chamar assim. E é boa tarde. — Me ergui, fechando meu paletó. — Almoço, Kalel.

Ele me seguiu para a sala de jantar e nos sentamos. Depois que a comida foi servida, ele abriu a boca.

— O que você falou para a menina? Ela saiu de lá correndo. — Ele cortou o bife malpassado que ainda sangrava. Evitei fazer uma careta. Não conseguia entender como comer carne crua era bom.

— Por que você não come um boi vivo? — ponderei, cortando o meu pedaço bem frito.

— Não mude de assunto.

Uma coisa que eu detestava em Kalel era que ele me conhecia muito bem. Era aporinhador.

— Não falei nada. Eu nem estava lá, lembra?

O espaço lounge era uma coisa que Kalel fez para me mostrar coisas da boate. Eu achei estúpido porque tínhamos telefones, mas meu irmão gostava de inventar coisas. Ontem, depois de me dizer que eu precisava conhecer pessoas, me mostrou uma foto de Adalind.

Achei que nunca tinha visto uma garota tão linda na minha vida. Ela era pequena, ruiva e tinha olhos grandes que pareciam desvendar o mundo. Eu quis vê-la de novo. E a vi. Dançando para mim, diante dos olhos do diabo.

— Sei. Por que não para de mentir? Jordin quase arrancou meu pau. Sim, sim. A garota da faculdade que trabalhava no Rebel.

— Bom, você queria que eu conhecesse pessoas, eu conheci Adalind.

Kalel fez uma careta.

— Eu queria que conhecesse de forma convencional. Ela achou que eu era louco.

Sim, ela usou a palavra esquizofrênico.

— Você não falou isso. Eu a conheci. Pronto.

— O.k., Mari. Olha, vou abrir o Rebel na quinta, para uma festa de aniversário.

— Deixa eu ver... da sua amiguinha Jordin? — Empurrei a salada de um lado para o outro enquanto o encarava.

Meu irmão sorriu e lambeu o lábio. Não tínhamos nada em comum. Ele era loiro, como mamãe, e eu moreno, como nosso pai. Ninguém poderia dizer que éramos frutos do mesmo casal.

— Como você adivinhou? — Kalel riu e eu desviei os olhos, voltando a comer. — Adalind vai estar, certamente, então... você deveria ir...

— Você sabe que sou o capo com mais responsabilidades no estado de Nova Iorque, certo?

— Claro que eu sei, mas se divertir um pouco não vai te enlouquecer.

Respirei fundo e neguei. Essa garota era jovem demais. Não era para o meu bico, eu tinha certeza de que ela não gostaria muito do meu rosto. Muitos não gostavam.

— Não se divirta muito também. Você já tem vinte anos, está na hora de inserir você. Nosso pai não aceita mais meus argumentos.

Kalel parou de sorrir. Ele sabia dos nossos deveres, mas nunca realmente se interessou por esse mundo. Infelizmente, nós não tínhamos escolha.

— Diga a Jordin que desejo um feliz aniversário, e as bebidas são por conta da casa.

Me levantei e dei um tapinha no ombro de Kalel, antes de sair do local e me dirigir para fora. A caminhada até meu carro foi rápida, quando cheguei ao prédio onde meu pai morava, estalei o pescoço. Nossas conversas nunca terminavam bem. Tudo que ele sempre quis para mim nunca aconteceu.

Ruan Vitali queria o lugar mais alto em Nova Iorque, comigo ao seu lado. Porém, quando Carmelo morreu deixando o lugar livre, nosso Don me escolheu. Posso dizer que isso desestabilizou nossa relação, que antes já era caótica.

— Bom dia, chefe! — Shelby acenou assim que o encontrei na porta. Ele era o único que meu pai permitia ficar dentro do prédio.

A confiança de Ruan era escassa.

Antes de entrar, acenei.

— Bom, você saiu da toca. — Sua voz ruidosa como uma serra elétrica me fez respirar fundo. Olhei ao redor e o encontrei na varanda. Ele tinha um jornal no colo, focado na leitura.

— Quando é necessário.

— Deve ser muito urgente, então. — Ruan fechou as folhas cinza e me olhou. Sua careta não passou despercebida.

Todas as vezes que ele olhava para mim se retraía, fazia careta, gestos de puro nojo. Meu rosto causava isso. Um dia eu o achei pior, mas agora havia apenas um relevo baixo, como marcas de pneu num caminho de neve. Tinha dois dedos de tamanho, indo da ponta da minha bochecha em direção à orelha. Mas cada vez que eu ficava no mesmo lugar que Ruan a vergonha aparecia.

— Como estão os negócios?

— Eu saberia se tivesse me escolhido como *consigliere*.

Segurei seu olhar e engoli com força. Minha mão quis se fechar, mas demonstrar qualquer reação era o que queria.

— Pai, como estão os negócios? — Minha voz saiu mais firme.

Ele semicerrou os olhos. Ruan odiava que agora tinha que seguir meu comando. Era sua penitência.

— Bons, sempre foram.

Vago demais.

Enrico queria respostas, e pelo visto eu não as conseguiria com meu pai. Me ergui da poltrona e fechei meu paletó.

— Kalel disse que Rebel está indo bem.

— Ele é inteligente.

— Ele precisa ser inserido. Logo. — Era uma ordem, mas eu não lhe devia mais obediência.

Nova Iorque era minha. Ninguém dentro dos limites do estado era livre. Eles me pertenciam. Até meu pai.

Kalel era meu irmão, precisava entrar na Cosa Nostra, mas quando seria era uma decisão minha.

— Não se preocupe com Kalel.

— Ele tem vinte anos. Passou da hora e você sabe disso. Fomos moles com ele por causa das suas doenças, mas...

— Ele não é doente! — gritei, saindo da áurea calma.

Kalel era a única coisa que ninguém ousava mexer. Eu traria o Inferno para a Terra se alguém ousasse.

Meu pai semicerrou os olhos, cauteloso.

— Essa é uma decisão que compete a mim e estou dizendo que não é o momento. Quando for, o senhor será avisado.

Me virei e saí da sua casa como um falcão.



Não descobri muito com ninguém sobre os negócios que meu pai estava fazendo, e se de fato era ele. Decidi pedir ajuda de Trey e Art, meus dois seguranças confiáveis. Ambos estavam focados nisso, em breve me trariam informações. Omiti de Kalel que Enrico desconfiava do nosso pai. Meu irmão não precisava saber disso.

— Você deveria ter vindo. Ela está aqui.

Eu sabia disso. Adalind.

A ruiva miúda e de olhos grandes.

Pelas imagens de segurança do Rebel eu a vi chegar. Kalel me surpreendeu, porque realmente tinham muitas pessoas. Achei um exagero fechar a boate, mas pelo visto a garota conhecia bastante gente.

— Eu tenho trabalho, Kalel.

— Quer que eu a coloque no espaço lounge?

Era assim que meu irmão chamava a sala onde eu via tudo, com câmeras posicionadas em vários lugares de forma estratégica. A dança de Adalind foi gravada por elas.

— Por que eu iria querer?

Eu não deveria ter perguntado, Kalel amava falar.

— Por que você quis conhecê-la? Ela é uma gata...

— Cuidado.

— Você já está todo territorial, mano. Vem logo.

— Eu estou de saída. — Peguei minhas chaves e andei para fora. — Divirta-se por mim.

Assim que peguei no volante, pisei no acelerador. Dirigi pelas ruas desertas, quando parei diante do parque me recostei no couro gasto. Não havia muitas pessoas, mas uma em específico, sim. Ela corria com fones grudados nas orelhas, concentrada. Fiquei por um tempo parado, quando ela surgiu de novo, parou, tomou água e olhou ao redor.

Não sabia quem era, mas havia algo nela que me mantinha vindo aqui.

Talvez, porque se parecia com *ela*. Mas essa hipótese me causava asco. Não queria ninguém que fosse parecida com Lunna em minha vida. Ela não era ninguém. Não mais.

Saí do estacionamento jurando nunca mais retornar, então dirigi para o único lugar onde também havia alguém que chamou minha atenção.

Ballerina.

O Rebel ainda estava lotado quando entrei. Jovens estavam por todo lugar. Eu a procurei pelas pessoas, mas só encontrei Kalel no espaço lounge. Subi a escada e estalei o pescoço ao entrar. Não era Kalel.

— Oi! Cadê você? — quando a garota ruiva gritou para a tela, deslizei meus olhos por seu corpo.

Adalind usava um vestido curto e brilhante que agarrava sua bunda redonda bem desproporcional ao seu tamanho. Usava um salto que poderia torcer seu pé e estava pulando enquanto falava com a tela.

— Onde está, *bestia*? Hum?

Porra. Quando a ouvi pronunciar essa merda a primeira vez, tive uma ereção que durou uma hora. Agora, ao vivo, meu pau permaneceria duro até a eternidade. O apelido foi dado por alguém que queria caçoar da minha cicatriz, mas na língua dela parecia a porra de um gemido.

— *Bestia, Bestia, Bestia!* Que apelido horroroso! — Ela riu sozinha. Droga, ela estava bêbada? — Por que chamam você assim, hum? Aposto que é bonito...

— Você não pode ficar aqui. — Minha voz ecoou acima da música, então Adalind se virou.

O lounge era escuro onde eu estava. As luzes nem chegavam a tocar em meu rosto. Apenas nela. Como se ela fosse o mar e o sol não pudesse se manter longe, tinha que tocá-la.

— Eu... eu sou... amiga... — Cruzei meus braços e ela respirou fundo. — Eu sou amiga do... pera, *bestia*. Somos amigos.

— Amigos?

— Sim, hum, amigos. Eu até dancei para ele, eu sou uma bailarina. Sim, ela era. E porra, ela dançava como ninguém.

— Dançou, né? — Entrei mais no lugar e me sentei no sofá, ainda na escuridão. — Então dance para mim.

Ela parou de sorrir. Adalind olhou ao redor, e pela primeira vez desde que me viu, parecia com medo.

— Não, eu... só posso dançar para... ele.

Santa Virgem Maria.

Se meu pau ficasse mais duro que isso, eu ia parar na porra do hospital.

— Sério?

— Sim. Por que sua voz mudou? — Adalind inclinou a cabeça.

Observei seu decote exposto. Ela nem percebeu, inocente demais para ver os olhos do diabo sobre seu corpo delicioso.

— Porque ela muda com o meu humor.

E minha excitação, mas eu não queria assustá-la.

— Eu te chateei? Não posso dançar para você. Seria errado... — Ela respirou fundo e empurrou o cabelo para trás dos ombros, enquanto seu rosto estava franzido. Adalind estava bêbada.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A Bailarina e a Fera: A Obsessão do Ma..."
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).